



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo

Teoria fundamentada: uma alternativa de investigação na pesquisa em educação

Grounded theory: an alternative investigation in education research

La teoría fundamentada: una alternativa de investigación en la investigación en educación

Alberto José Ferreira de Lima
Edna Gusmão de Góes Brennand**RESUMO**

A teoria fundamentada é uma estratégia de investigação global, amplamente adotada em várias áreas das ciências sociais, incluindo a educação. Este estudo, de caráter exploratório, sistematiza alguns aspectos singulares da teoria fundamentada, com o intuito de discutir a possibilidade de seu uso no campo da educação no Brasil. O artigo fornece elementos fundamentais para os pesquisadores iniciantes que almejam conduzir seus estudos com essa estratégia de investigação. Apresenta seus princípios básicos, suas aproximações e distanciamentos em relação a outros métodos de pesquisa indicados para conduzir estudos na área de educação. A teoria fundamentada não é melhor ou pior do que outros métodos de pesquisa; contudo, oferece muitos benefícios à pesquisa em educação. Uma das possibilidades de utilização da teoria fundamentada na pesquisa educacional é na exploração de fenômenos sociais multifacetados e complexos para os quais existem pouca ou nenhuma teoria estabelecida, bem como para o fornecimento de uma justificativa intelectual forte para o uso de pesquisas qualitativas focadas no desenvolvimento de análises teóricas.

Palavras-chave: teoria fundamentada; método de pesquisa; pesquisa educacional.

ABSTRACT

Grounded theory is a global research strategy widely adopted in various areas of the social sciences, including education. This exploratory study systematizes some unique aspects of grounded theory with the aim of discussing the possibility of its use in the field of education in Brazil. The article provides fundamental elements for beginning researchers who wish to conduct their studies using this research strategy. It presents its basic principles, its similarities and differences in relation

to other research methods recommended for conducting studies in the area of education. Grounded theory is not better or worse than other research method; however, it offers many benefits to research in education. One of the possibilities for using grounded theory in educational research is in the exploration of multifaceted and complex social phenomena for which there is little or no established theory, as well as for providing a strong intellectual justification for the use of qualitative research focused on the development of theoretical analyses.

Keywords: grounded theory; research method; educational research.

RESUMEN

La teoría fundamentada es una estrategia de investigación global ampliamente adoptada en diversas áreas de las ciencias sociales, incluida la educación. Este estudio exploratorio sistematiza algunos aspectos singulares de la teoría fundamentada, con el objetivo de discutir la posibilidad de su utilización en el campo de la educación en Brasil. El artículo proporciona elementos fundamentales para investigadores principiantes que quieran realizar sus estudios utilizando esta estrategia de investigación. Presenta sus principios básicos, sus semejanzas y diferencias con relación a otras metodologías de investigación indicadas para la realización de estudios en el área de la educación. La teoría fundamentada no es mejor ni peor que otros enfoques metodológicos. Sin embargo, ofrece muchos beneficios a la investigación educativa. Una forma en que se puede utilizar la teoría fundamentada en la investigación educativa es explorar fenómenos sociales complejos y multifacéticos para los cuales hay poca o ninguna teoría establecida, así como proporcionar una sólida justificación intelectual para el uso de la investigación cualitativa centrada en el desarrollo de análisis teóricos.

Palavras-clave: teoría fundamentada; metodología de investigación; investigación educativa.

Introdução

A teoria fundamentada é “um método indutivo, iterativo, interativo e comparativo que fornece diretrizes sistemáticas para coletar, sintetizar, analisar e conceituar dados qualitativos para fins de construção de teoria” (Charmaz, 2015, p. 402, tradução nossa). Na arena acadêmica mundial, a teoria fundamentada tem sido amplamente utilizada em uma vasta gama de disciplinas (Charmaz, 2006; Bryant; Charmaz, 2007; Strauss; Corbin, 2008; Glaser, 2010; Birks; Mills, 2015), incluindo a educação (Strauss; Corbin, 1994; Glaser, 2010; Charmaz, 2014; Chong; Yeo, 2015).

Em uma consulta à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no período de 2001 a 2012, Torres et al. (2014) apontaram que, apesar de sua popularidade em diversas disciplinas, havia apenas sete pesquisas na área de educação no Brasil que usavam a teoria fundamentada como base

metodológica. Ao final de 2019, Medeiros (2020) realizou um novo levantamento e verificou que, na última década, o número de trabalhos na área de educação aumentou discretamente. Contudo, a autora supracitada não apresenta os números que expressavam esse crescimento. Lima (2023), por sua vez, realizou uma nova consulta à BDTE, no período de 2013 a 2022, e localizou 91 dissertações e 59 teses na área de educação. Ao comparar esse resultado com o apresentado por Torres et al. (2014), Lima (2023) percebeu que o número de estudos na área de educação conduzidos com a teoria fundamentada teve um crescimento expressivo na última década e concluiu que, na maioria dos casos, os pesquisadores a usaram para justificar a condução da pesquisa sem uma compreensão clara dos seus princípios e axiomas. Reconhecemos, entretanto, que esta é uma tarefa complexa, principalmente para pesquisadores que estão adotando esse método geral de pesquisa pela primeira vez.

Desde que foi adotada como base metodológica para conduzir teses e dissertações desenvolvidas no âmbito da Rede Interdisciplinar de Estudos Sobre Violências (RIEV) do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE), as contribuições e limitações da pesquisa educacional envolvendo a teoria fundamentada tornaram-se objeto de amplos debates.

Nesse contexto, este estudo, de caráter exploratório, tem como objetivo discutir a possibilidade de uso da teoria fundamentada no campo educacional no Brasil. Em primeiro lugar, apresenta-se uma discussão sobre a tradução da expressão *grounded theory* para o português brasileiro. O artigo segue expondo alguns aspectos relevantes sobre a teoria fundamentada e, em seguida, discute a possibilidade do uso da teoria fundamentada na pesquisa em educação. Por fim, conclui-se com algumas considerações finais. Entende-se que este artigo contribui para novos debates e cenários promissores na pesquisa educacional.

Tradução do termo *grounded theory*

A locução original em inglês, *grounded theory*, que rotulou essa metodologia, é usualmente traduzida para a língua portuguesa de diversas maneiras: teoria enraizada, teoria fundamentada nos dados, teoria

fundamentada em dados ou teoria fundamentada. Isto se justifica, em parte, porque, como bem afirma Carmem Lussi, tradutora da obra *O que é grounded theory: metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados* (2011), de Massimiliano Tarrozi, grounded é um adjetivo impossível de expressar literalmente na língua portuguesa.

De acordo com Tarozzi (2011, p. 20), grounded significa igualmente: “enraizado, embasado, fundamentado, mas também encravado, firme à terra (referido a aviões, em inglês), ou então pôr as bases, ensinar os primeiros rudimentos, preparar o fundo de um desenho”. Com efeito, como bem coloca Goulding (2005), o termo original em inglês é utilizado justamente para reforçar a ideia de que a teoria é sistematicamente obtida a partir de uma ampla gama de dados representativos da realidade dos sujeitos estudados, ou seja, em seus comportamentos, palavras e ações. Segundo a tradutora Carmem Lussi, em português, o melhor adjetivo para a tradução de grounded parece ser “enraizada”. Entretanto, a tradutora supracitada, com o intuito de manter a riqueza semântica do termo grounded theory, prefere conservar o original inglês.

Em nossos textos, optamos por seguir a tradução utilizada em duas obras seminais sobre grounded theory traduzidas para o português brasileiro: *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques* (1990), de Anselm Strauss e Juliet Corbin, e *Constructing grounded theory: a practical guide through qualitative analysis* (2006), de Kathy Charmaz. Em ambas as traduções, *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada* (2008) e *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa* (2009), o termo grounded theory foi traduzido como teoria fundamentada. Tempos depois, Glaser abreviou e usou o termo grounded theory como GT (Glaser; Holton, 2004). Seguindo a mesma lógica, usamos TF para nos referir ao termo “teoria fundamentada” de forma abreviada.

Aspectos relevantes sobre a teoria fundamentada

O termo teoria fundamentada foi introduzido no léxico da pesquisa por Barney Glaser e Anselm Strauss na década de 1960, sobretudo com a publicação do livro *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research* (1967) (doravante, *Discovery*). Nessa obra, os autores desenvolveram

formalmente um método geral aplicável tanto a estudos qualitativos como quantitativos (Glaser; Strauss, 1967). No entanto, a ênfase exposta no subtítulo da obra indica a predominância de métodos qualitativos (Strauss; Corbin, 1994).

Na introdução desse texto de referência, a teoria fundamentada é definida como “um método geral de análise comparativa [...] e um conjunto de procedimentos capazes de gerar teoria fundada nos dados” (Glaser; Strauss, 1967, p. viii, tradução nossa). Seus fundadores enxergaram-na como uma forma de oposição ao método tradicional de derivar teoria e testar hipóteses a partir de uma teoria existente. A teoria fundamentada representa, por conseguinte, um método geral inovador que facilita “a descoberta de teoria a partir dos dados – obtidos e analisados sistematicamente na pesquisa social” (Glaser; Strauss, 1967, p. 1, tradução nossa). Portanto, um traço peculiar da teoria fundamentada – que aos olhos dos seus proponentes a distingue desde o início do impressionismo assistemático de outras abordagens qualitativas – é precisamente o fato de os seus procedimentos serem de natureza sistemática.

Ademais, chamamos a atenção para o fato de que o foco de pesquisas entendidas como um processo reiterativo que usam como suporte metodológico a teoria fundamentada é gerar teoria a partir de dados empíricos. Apesar disto, de forma alternativa e menos ambiciosa, produz um framework conceitual (Charmaz, 2006).

Trata-se de um método geral cuja ênfase está em gerar teoria, não em verificá-la. Assim, o êxito de uma pesquisa conduzida com a teoria fundamentada é uma teoria que, segundo Strauss e Corbin (2008, p. 30), é “um conjunto de conceitos bem desenvolvidos relacionados por meio de declarações de relações que, juntas, constituem uma estrutura integrada que pode ser usada para explicar ou prever fenômenos” ou, nas palavras de Tarozzi (2011, p. 18), “uma interpretação racional, densa, articulada e sistemática, capaz de dar conta da realidade estudada”. Vê-se bem, portanto, que, ao usar a teoria fundamentada, o pesquisador não está focado na dedução de hipóteses analisáveis a partir de teorias existentes – ou seja, na verificação de uma teoria –, tampouco na mera descrição de um fenômeno social.

A teoria fundamentada é um método ou uma metodologia? Antes de saber como os principais autores da teoria fundamentada tratam desse assunto, é

importante entender a diferença entre uma metodologia e um método. Segundo Birks e Mills (2015), uma metodologia é um conjunto de princípios e ideias que permeiam o plano de pesquisa. Por outro lado, ainda de acordo com esses autores, métodos são procedimentos práticos usados para gerar e analisar dados. Assim, uma metodologia é mais ampla e pode incluir métodos, técnicas, estratégias e ferramentas para coletar, analisar e relatar dados, que são usados de acordo com suposições filosóficas particulares sobre conhecimento científico e como são construídos.

Para seus fundadores, a teoria fundamentada é um método geral, ou seja, um discurso racional global, uma orientação sobre o método e a sua análise teórica, um modo de pensar a realidade social. Entretanto, desde a primeira definição da teoria fundamentada, sucederam-se, alternadamente no tempo, opiniões diferentes sobre sua colocação entre os métodos e as metodologias. Por exemplo, o sociólogo americano Barney Glaser, criador e defensor da abordagem clássica da teoria fundamentada, compreende que ela é, fundamentalmente, uma metodologia, ou seja, um método geral (Glaser, 1978, 2010). Na opinião de Juliet Corbin, cocriadora da teoria fundamentada straussiana, ou full conceptual description, a teoria fundamentada é um método, isto é, um conjunto de instrumentos, uma techne para trabalhar os dados da pesquisa empírica (Strauss; Corbin, 2008). Para Kathy Charmaz, fundadora da teoria fundamentada construtivista, é um método geral, mas que foi generalizado e diluído (Charmaz, 2009). Todavia, a autora supracitada também vê a teoria fundamentada como uma constelação de métodos, entendidos como um conjunto de princípios e práticas (Charmaz, 2009). Bryant e Charmaz (2010, p. 11, tradução nossa), por sua vez, afirmam que a teoria fundamentada é melhor entendida como uma "família de métodos".

Contrapondo-se a essa visão dualística, existe uma interação fluida que ocorre entre a metodologia e o método no processo de realização de um estudo de pesquisa. Destarte, a teoria fundamentada pode ser considerada ambas as coisas: "seja um olhar teórico sobre o recolhimento e a análise de dados ('um método geral'), e um conjunto de procedimentos e de instrumentos concretos para recolher e analisar dados" (Tarozzi, 2011, p. 18). Isto posto, entendemos que a teoria fundamentada é uma metodologia e um método de pesquisa, bem

como a teoria resultante de sua aplicação (Bryant; Charmaz, 2007).

Quando se fala de uma teoria que é gerada a partir de dados, parece natural questionar o tipo de teoria a que Glaser e Strauss (1967) se referem na obra que deu origem ao método. Eles distinguem dois tipos de teoria: formal e substantiva. Para os autores supracitados, quando a teoria fundamentada é gerada a partir de um contexto específico, produz-se uma teoria aplicada somente ao campo investigado, a qual é denominada de teoria substantiva. Logo, uma teoria substantiva interpreta e explica um problema específico referente a uma área substantiva singular. A maioria das teorias fundamentadas compõe-se de teorias substantivas, por tratarem de problemas delimitados em áreas substantivas específicas (Charmaz, 2009). Contudo, um ulterior e facultativo passo pode ser dado na geração de uma teoria substantiva, que é o da produção de uma teoria formal (Tarozzi, 2011).

A teoria formal, por sua vez, necessita de um estudo aprofundado, que envolva a geração de conceitos abstratos que podem ser aplicados de forma generalizada a uma realidade mais ampla (Kenny; Fourie, 2015; Glaser; Strauss, 1967). Desse modo, uma teoria formal oferece uma interpretação de segundo nível sobre um tema ou um processo geral, referente a diversas áreas substantivas. A teoria substantiva é, como podemos notar, o alicerce e um elo estratégico na formulação da teoria fundamentada formal. Glaser e Strauss (1967) consideram essencialmente importante que o pesquisador se concentre em gerar um ou outro tipo de teoria em seu estudo e tenha clareza das diferenças entre elas. Contudo, é oportuno lembrar que gerar teoria não é a meta de todos os projetos de pesquisa, nem deveria ser, conforme afirma Peshkin (1993). Além disso, como bem assevera Strauss (1995), ainda que a teoria não seja o único propósito da pesquisa, ela tem um papel importante a desempenhar na ciência.

Birks e Mills (2015) referem-se à teoria fundamentada como um processo pelo qual a teoria é gerada a partir da análise de dados. O processo de pesquisa da teoria fundamentada é constituído por sequências temporais reveladas que podem apresentar limites identificáveis com inícios e finais claros e marcas de referência entre eles (Charmaz, 2009). A abordagem original da teoria fundamentada é caracterizada por um processo sistemático, contínuo e único, em forma de uma espiral de ciclos de coleta de dados, codificação, redação de

memorandos, amostragem e categorização teórica, o qual a distingue de outros métodos de pesquisa qualitativa. A forma de espiral indica um processo de desenvolvimento que, a partir de certo ponto de partida, procede analiticamente, mas não de modo constante e ordenado, retornando regularmente a algumas passagens, mas enfrentando-as cada vez em um nível diferente, mais alto (Brennand; Lima, 2020).

Apesar da multiplicidade de interpretações e da variedade de métodos de procedimentos que se multiplicaram em mais de cinquenta anos desde a publicação de Discovery, alguns traços metodológicos constantes podem ser identificados, os quais representam as características fundamentais que qualificam as pesquisas que podem ser definidas como teoria fundamentada, a saber: exploração de um processo; envolvimento simultâneo na coleta e análise de dados; construção de códigos e categorias analíticas a partir de dados; utilização do método comparativo constante em todos os níveis da análise; elaboração de conceitos, não descrição; produção de memorandos e de diagramas; amostragem dirigida à construção da teoria (Glaser; Strauss, 1967; Glaser, 1978; Strauss, 1987).

De acordo com Payne (2007, p. 68, tradução nossa), "uma das especificidades marcantes da teoria fundamentada é a interação dinâmica entre coleta e análise de dados". Ao contrário da maioria das estratégias de investigação, a teoria fundamentada exige que a coleta e a análise de dados ocorram simultaneamente. Depois que os dados originais são codificados e categorizados, dados adicionais são buscados por meio de amostragem teórica e comparados com as categorias emergentes até que a saturação teórica das categorias seja alcançada. Esse método comparativo constante permite o desenvolvimento de uma teoria que se baseia analiticamente nos dados.

A teoria fundamentada é um método geral estruturado, flexível e fortemente indicada para conduzir uma pesquisa com um tema novo e ainda pouco explorado o qual, geralmente, uma teoria não está disponível para entendê-lo ou explicá-lo. Reconhecida no meio acadêmico como uma metodologia adequada para obter uma compreensão clara dos processos sociais subjacentes associados a um fenômeno, a teoria fundamentada requer do pesquisador criatividade e sensibilidade teórica para desenvolver a teoria.

A adoção da teoria fundamentada como método geral de pesquisa

preferida foi, inicialmente, bastante lenta. Isso se deve, em parte, porque foi desenvolvida por sociólogos para sociólogos e, como tal, grande parte da literatura subsequente estava focalizada em estudos sociológicos. No entanto, de acordo com os seus princípios básicos, a teoria fundamentada é transcendente em termos de sua aplicação. Portanto, conforme explica Kenny e Fourie (2014), cresceu e transcendeu a disciplina da sociologia, e atualmente é utilizada por acadêmicos de uma série de áreas, incluindo a educação (Strauss; Corbin, 2008). Ultimamente, é um dos métodos de pesquisa mais populares do mundo (Birks; Mills, 2015). Nessa esteira, é sobremaneira relevante refletir sobre o lugar que a teoria fundamentada pode ocupar no cenário da pesquisa em educação.

Teoria fundamentada: uma alternativa para a pesquisa educacional

Ao iniciar o planejamento de um projeto de pesquisa, uma das principais preocupações do pesquisador educacional é escolher, entre as várias abordagens metodológicas, a mais adequada ao objeto de seu estudo. Os estudos da teoria fundamentada compartilham algumas semelhanças com outros modos de conduzir pesquisas qualitativas. Por exemplo, as fontes de dados são as mesmas. Assim, tal como outros pesquisadores qualitativos, os teóricos fundamentados podem usar dados quantitativos ou combinar técnicas de análise qualitativas e quantitativas.

Ao considerar brevemente algumas das maneiras pelas quais a teoria fundamentada complementa e contrasta com alguns métodos de pesquisa qualitativa mais populares utilizados em educação, Hadley (2017) observa que a teoria fundamentada partilha múltiplas sobreposições com estudos de caso, pesquisa-ação, fenomenologia e etnografia. Segundo o autor, desde o início, pode-se notar que, talvez com exceção das formas clássicas de etnografia, todos esses métodos usam entrevistas e observação participante como meio de coleta de dados. Além disto, como bem pontua o mesmo autor supracitado, a teoria fundamentada tem muito em comum com os estudos de caso e a pesquisa-ação, especialmente na utilização de métodos mistos para objetivos qualitativos e

interpretativos – em particular, a teoria fundamentada também compartilha interesses semelhantes aos da pesquisa-ação no estudo de problemas potenciais.

Por outro lado, existem muitos aspectos da teoria fundamentada que destacam seu potencial para adoção na área de educação. Alguns destes se sobrepõem aos de outros métodos qualitativos, enquanto outros são únicos e fornecem um meio eficaz para gerar teoria a partir de dados empíricos. Como bem destacou Tarozzi (2011, p. 92), algumas diferenças substanciais são nítidas “nos pressupostos teóricos, na atitude epistemológica do pesquisador, no modo de formular a pergunta da pesquisa, no tipo de dados e no modo de coletá-los, assim como nas modalidades de análise” das três principais tradições da pesquisa qualitativa: etnografia, fenomenologia e teoria fundamentada.

A despeito disto, Johnson e Christensen (2014), em *Educational research: quantitative, qualitative, and mixed approaches*, discutem essas três abordagens da pesquisa qualitativa e concluem que, embora sigam o paradigma da pesquisa qualitativa, o foco de cada uma é diferente em sua ênfase e linguagem particulares. Nesse sentido, a etnografia visa a uma “descrição densa” das culturas e dos grupos; a fenomenologia busca explorar a experiência vivida e os modos através dos quais determinados sujeitos dão sentido ao próprio contexto; já a teoria fundamentada, provavelmente, tem mais em comum com a etnografia. Entretanto, ela se sobrepõe até certo ponto a todas as abordagens da pesquisa qualitativa.

Conforme Lock (2003), a teoria fundamentada partilha com a etnografia uma postura reservada e modesta em relação à teoria existente e a um estilo de análise que entrelaça a coleta de dados e a construção de teoria, de modo que, à medida que a investigação avança, o analista redefine e estreita sucessivamente o seu foco de estudo. O mesmo autor supracitado enfatiza que, embora geralmente os etnógrafos estejam interessados em compreender tanto quanto possível os aspectos culturais dos contextos em que ingressam como investigadores, os pesquisadores que usam a teoria fundamentada podem não ser tão culturalmente orientados. Da mesma forma, ainda segundo Lock (2003), a maneira como a teoria fundamentada trata e interpreta os dados pode ser incorporada em estudos de caso.

Creswell (2007), por seu turno, vai além e faz uma exploração detalhada

de cinco tipos de pesquisa qualitativa: pesquisa narrativa, fenomenologia, teoria fundamentada, etnografia e estudo de caso. Segundo o autor, em um nível mais fundamental, elas contrastam no que estão tentando realizar (seus focos ou os objetivos principais dos estudos) e na coleta de dados em termos de ênfase e extensão. Por outro lado, o autor verifica que, na fase de análise de dados, algumas diferenças são mais pronunciadas, não apenas em relação à especificidade da fase de análise, mas também no tocante ao número de etapas a serem realizadas. Desse modo, o relatório escrito ao final do processo de cada abordagem ganha forma distinta.

Outros autores, a exemplo de Birk e Mills (2015), salientam que a principal diferença para outros métodos qualitativos advém do potencial de ir além de explorar e descrever o fenômeno. Na teoria fundamentada, o pesquisador concentra-se em gerar indutivamente uma teoria fundada nos dados, que seja capaz de explicar o fenômeno e as condições para sua manifestação. Já Johnson e Christensen (2014) evidenciam três características que a diferenciam de outros métodos: aderência aos dados, entendimento, generalidade e controle. A estas, acrescentemos o rigor e a sistematicidade, além de flexibilidade e liberdade.

Visto que gerar teoria é o principal objetivo de um estudo conduzido com a teoria fundamentada, o pesquisador concentra-se em construir uma teoria fundada nos dados capaz de explicar um fenômeno social e as condições para sua manifestação. Todavia, a teoria fundamentada não é o único método válido para analisar dados predominantemente qualitativos ou gerar teoria. De acordo com Creswell (2007), embora exista um vasto número de outros métodos qualitativos disponíveis com essa funcionalidade, estes não exigem que o produto final seja uma teoria. Outrossim, a teoria fundamentada é distinta em seus procedimentos rigorosos de amostragem teórica, redação de memorandos teóricos e criação de códigos a partir dos dados. A teoria fundamentada foi a primeira entre as tradições de investigação qualitativa a tornar claras tais práticas, além de oferecer uma forma sistemática de analisar e interpretar os dados.

Em resumo, a teoria fundamentada busca criar teorias sobre problemas, processos e questões que foram expressos pelos sujeitos decorrentes da

análise. O interesse da teoria fundamentada em gerar teoria de médio porte é distinto dos outros métodos. Desde o seu início, etnógrafos e outros pesquisadores têm procurado emular o processo da teoria fundamentada de coleta simultânea de dados, análise e, especialmente, codificação para gerar teorias. Entretanto, é importante enfatizar que o produto final, dependendo das crenças filosóficas de cada um, é diferente. Além disto, os resultados de um estudo de teoria fundamentada bem pesquisado podem até transcender ou pelo menos sobreviver a muitas mudanças passageiras, pois um dos propósitos da teoria fundamentada é gerar teorias pragmáticas, flexíveis e duráveis.

Quanto ao processo de análise da teoria fundamentada, evidenciamos que é complexo, exaustivo e longo, o que demanda muito esforço e tempo do pesquisador educacional e potencializa erros metodológicos (Hussein et al., 2014). Ainda que a teoria fundamentada disponha da qualidade de flexibilidade e adaptação, a qual possibilita ao pesquisador atender às suas necessidades pessoais, não é recomendada para pesquisadores educacionais iniciantes com prazos de pesquisa curtos. Isto significa que é improvável que seja usada por um aluno de pós-graduação em nível de mestrado iniciante nesse método de investigação. No entanto, com o auxílio de um orientador com experiência na aplicação da teoria fundamentada e a adoção de um software de apoio a análise de dados qualitativos, como Atlas.ti e NVivo, não deve ser desconsiderada de imediato. Nessa ótica, é importante que todos os pesquisadores educacionais conheçam esse método de pesquisa.

Uma das possibilidades de utilização da teoria fundamentada na pesquisa educacional é a exploração de fenômenos sociais multifacetados e complexos para os quais há pouca ou nenhuma teoria estabelecida, bem como o fornecimento de uma justificativa intelectual sólida para o uso de pesquisas qualitativas focadas no desenvolvimento de análises teóricas. Assim, a teoria fundamentada pode ser vista como um método geral interessante para explicar um processo social difícil de ser elucidado com outros métodos de investigação.

Não só existem milhares de publicações que relatam estudos usando os métodos da teoria fundamentada, mas também uma coleção de textos seminais – alguns cronologicamente listados por Birks e Mills (2015) –, que podem ser usados pelos pesquisadores para guiar seus estudos e garantir o rigor de seus trabalhos. Nesse sentido, como não existe uma teoria fundamentada para leigos,

um bom começo é efetuar uma leitura dos textos seminais para obter familiaridade com o método e descobrir seu potencial. Tão importante quanto isto são as recomendações potenciais, sugeridas por Lima (2023), para conduzir e relatar estudos que usam a teoria fundamentada como suporte metodológico na área de educação, com a intenção de elevar o nível dos estudos de teoria fundamentada em educação.

Existe uma diversidade de configurações da teoria fundamentada, dominantes e divergentes, que variam em suas dimensões e têm sido repensadas à luz das novas perspectivas das ciências sociais, além de outras que estão emergindo em função da evolução do pensamento científico e dos paradigmas norteadores da pesquisa qualitativa. Essa diversidade de interpretações da teoria fundamentada tem gerado confusão e incerteza entre pesquisadores que optam por adotá-la para conduzir seus trabalhos de pesquisa. Como consequência, muitos relatam a dificuldade de escolher a perspectiva mais adequada para orientar suas investigações.

Nesse ponto, é importante enfatizar que não existe uma tradição da teoria fundamentada melhor ou pior do que a outra. O pesquisador que decida usar a teoria fundamentada para conduzir sua pesquisa deve se forçar em adotar a abordagem mais adequada e que melhor se ajuste aos seus objetivos de investigação, à forma como se relaciona com os dados e à maneira como enxerga o mundo ao seu redor. Deve escolher uma abordagem, ser capaz de justificar a razão pela qual ela foi escolhida em detrimento das versões concorrentes e permanecer consistente em sua aplicação para evitar “confusão metodológica” (Goulding, 2002, p. 163, tradução nossa) e diluição da teoria, o que pode afetar a credibilidade da pesquisa.

Além disto, visto que as diferentes abordagens da teoria fundamentada possuem pressupostos epistemológicos e ontológicos contrastantes, é mister que, ao iniciar um projeto de pesquisa conduzido com a teoria fundamentada, o teórico fundamentado educacional se posicione filosoficamente e metodologicamente. Dessa forma, diferentes versões do método exigem mudanças de postura do pesquisador. Para Jeon (2004), são justamente as orientações ontológicas, epistemológicas e metodológicas do pesquisador que determinarão a tradição da teoria fundamentada (glaseriana, straussiana,

construivista, análise situacional) a ser adotada, o que eventualmente determina qual perspectiva ou filosofia teórica atuará como o ajuste perfeito para informar e orientar o processo de investigação.

Considerações finais

Neste artigo, fomos motivados pelo desejo de discutir a possibilidade de uso da teoria fundamentada no campo da educação. A teoria fundamentada é um método geral de investigação, originalmente descrito por Glaser e Strauss, em meados da década de 60 do século passado, em seu livro seminal *Discovery* (1967). O propósito principal da teoria fundamentada é gerar teoria, em vez de testar ou validar uma teoria existente (Tarozzi, 2011).

A teoria fundamentada oferece muitos benefícios à pesquisa em educação. As principais vantagens da teoria fundamentada são: o seu apelo intuitivo, a sua capacidade de fomentar a criatividade, o seu potencial de conceituação, a sua abordagem sistemática para análise de dados e o fato de que os pesquisadores que a utilizam podem reunir dados ricos (Hussein et al., 2014).

Segundo Glaser (1998, p. 9, tradução nossa), a teoria fundamentada é “agradável, significativa, informativa e empoderada”. Ela funciona, é aderente aos dados, relevante, possui a capacidade de modificar-se e pode contribuir com a geração de teorias contextualizadas e fortemente fundadas nos dados coletados em campo. Já as intervenções sugeridas a partir da teoria fundamentada podem resultar em mudanças administrativas, curriculares ou programáticas. Não obstante, apesar das críticas existentes, é uma abordagem de pesquisa rigorosa e metódica, capaz de ampliar as percepções dos pesquisadores educacionais.

As limitações do método geral podem surgir ao longo do processo de sistematização de dados complexos e dos objetivos da pesquisa. São as evidências do fenômeno que poderão justificar ou não o seu uso. Além disto, os condicionantes subjetivos da perspectiva do pesquisador e os padrões de manipulação de dados podem apontar limitações que aqui não foram discutidas e que, à medida que sejam usadas no campo da educação, poderão ser

registradas, elucidadas e trazidas para o debate.

Ao tratar das desvantagens da teoria fundamentada, Hussein et al. (2014) compreendem que abrangem o alto potencial de erros metodológicos, da revisão de literatura sem desenvolver suposições, das múltiplas abordagens e da generalização limitada. Outro desafio que os investigadores educacionais podem enfrentar em um estudo de teoria fundamentada está relacionado à dificuldade de estabelecer o ponto de saturação das categorias ou o momento em que a teoria está suficientemente detalhada.

A teoria fundamentada evoluiu ao longo dos anos, principalmente devido à mudança na maneira como entendemos e tratamos o conhecimento. Assim, a ciência em geral e a pesquisa qualitativa em particular se transformaram notavelmente desde que Glaser e Strauss escreveram *Discovery* em 1967. A teoria fundamentada foi, portanto, refinada ao longo dos anos para atender às demandas científicas deste novo milênio. Pesquisadores renomados da Teoria Fundamenta, como Antony Bryant (2017) e Kathy Charmaz (2009) e Adele Clarke (2005), ao destacarem a flexibilidade e fluidez da teoria fundamentada, argumentam que é possível utilizar as diretrizes básicas da teoria fundamentada com os pressupostos e as abordagens metodológicas do século XXI. Como qualquer recipiente no qual diferentes conteúdos possam ser vertidos, os pesquisadores podem utilizar as diretrizes básicas da teoria fundamentada para o desenvolvimento de teorias. Desse modo, em uma era de crescente integração e interconectividade, é justamente essa possibilidade de adotá-las e adaptá-las para a realização de estudos diversos que os autores destacam como um dos seus pontos fortes para o século XXI.

Com efeito, a teoria fundamentada oferece um método adequado para abordar aspectos sociais, culturais e humanos na área de educação. Nossa experiência demonstra que é um método geral excelente para conduzir investigações e gerar teorias relevantes no campo educacional. E, apesar dos desafios que a educação apresenta para a pesquisa de teoria fundamentada, este continua sendo um dos métodos gerais mais rigorosos para gerar novas teorias educacionais. Acreditamos que estudos bem conduzidos com esse método de investigação podem trazer contribuições significativas para nosso campo e ajudar a desenvolver teorias ricas para informar futuros estudos

empíricos em educação.

Referências

BIRKS, Melanie; MILLS, Jane. **Grounded theory: a practical guide**. 2. ed. Los Angeles: SAGE Publications, 2015. 206p.

BRENNAND, Edna; LIMA, Alberto. A contribuição de três tradições da teoria fundamentada para a pesquisa educacional. **Cadernos de Educação**, n. 64, p. 150-167, jul./dez. 2020.

BRYANT, Antony. **Grounded Theory and Grounded Theorizing: Pragmatism in Research Practice**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

BRYANT, Antony; CHARMAZ, Kathy. Grounded theory research: methods and practices. In: BRYANT, Antony; CHARMAZ, Kathy (ed.). **The Sage handbook of grounded theory**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2007. p. 1-28.

BRYANT, Antony; CHARMAZ, Kathy (ed.). **The Sage handbook of grounded theory**. London, UK: Sage Publications, 2010. 656p.

CHARMAZ, Kathy. **Constructing grounded theory: a practical guide through qualitative analysis**. London, UK: Sage Publications, 2006. 224p.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 272p.

CHARMAZ, Kathy. **Grounded theory in global perspective: reviews by international researchers**. Qualitative Inquiry, v. 20, n. 9, p. 1074-1084, 2014.

CHARMAZ, Kathy. Grounded theory: methodology and theory construction. International **Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**, 2 ed., v. 10, p. 402-407, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.44029-8>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CHONG, Chee-Huay; YEO, Kee-Jiar. **An overview of grounded theory design in Educational research**. Asian Social Science, v. 11, n. 12, p. 258-268, 2015.

CLARKE, Adele. **Situational analysis: Grounded theory after the postmodern turn**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2005.

CRESWELL, John. Five qualitative approaches to inquiry. In: CRESWELL, John. (ed.). **Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches**. Theousands Oakes: Sage Publications, 2007. p. 53-84.

GLASER, Barney. **Theoretical sensitivity**. Mill Valley, CA: Sociology Press, 1978.

GLASER, Barney. **Doing grounded theory: issues and discussions**. Mill Valley, CA: The Sociology Press, 1998. 254p.

GLASER, Barney. **The future of grounded theory**. The Grounded Theory Review, v. 2, n. 9, 2010.

GLASER, Barney; HOLTON, Judith. Remodeling grounded theory. **FQS Forum Qual Soc Res**, v. 5, n. 2, art. 4, 2004. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs040245>. Acesso em: 12 jul. 2018.

GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. New York: Aldine de Gruyter, 1967.

GOULDING, Christina. **Grounded theory: a practical guide for management, business and Market researchers**. London: Sage Publications, 2002. 197p.

GOULDING, Christina. **Grounded theory, ethnography and phenomenology: a comparative analysis of three qualitative strategies for marketing research**. European Journal of Marketing, n. 39, p. 294, 2005.

HADLEY, Gregory. **Grounded theory in applied linguistics research: a practical guide**. New York: Routledge, 2017.

HUSSEIN, Mohamed. et al. Using grounded theory as a method of inquiry: advantages and disadvantages. **The Qualitative Report**, v. 19, 2014. Disponível em: <http://www.nova.edu/ssss/QR/QR19/el-hussein13.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

JEON, Yun-Hee. **The application of grounded theory and symbolic**. Scandinavian Journal of Caring Sciences, v. 18, n. 3, pp. 249-256, 2004.

JOHNSON, Burke; CHRISTENSEN, Larry. **Educational research: quantitative, qualitative, and mixed approaches**. 5. ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2014.

KENNY, Méabh; FOURIE, Robert. Contrasting classic, straussian, and constructivist grounded theory: methodological and philosophical conflicts. **The Qualitative Report**, v. 20, p. 8, pp. 1270-1289, 2015. Disponível em: <https://nsuworks.nova.edu/tqr/vol20/iss8/9/>. Acesso em: 10 ago. 2018.

LIMA, Alberto. **Teoria fundamentada e a pesquisa em educação: tendências e padrões para o desenvolvimento teórico no âmbito da cultura da convergência**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, 2023, 212f.

LOCKE, Karen. **Grounded theory in management research**. London: Sage Publications, 2003.

MEDEIROS, Rosângela. **Ser docente universitário em tempo digitais**:

(trans)formar é preciso. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2020. 280f.

PAYNE, Sheila. Grounded theory. In: LYONS, Evanthia; COYLE, Adrian (ed.). **Analysing qualitative data in psychology**. London: Sage Publications, pp. 65-86, 2007.

PESHKIN, Alan. **The goodness of qualitative research**. Educational Research, v. 22, n. 2, pp. 23-29, 1993.

STRAUSS, Anselm. **Qualitative analysis for social scientists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. 319p.

STRAUSS, Anselm. **Notes on the nature and development of general theories**. Qualitative Inquiry, v. 1, n. 1, p. 7-18, 1995.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Judit. **Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques**. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1990. 272p.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Judit. Grounded theory methodology: an overview. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (ed.). **The handbook of qualitative research**, Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994. p. 273-285.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Judit. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 288p.

TAROZZI, Massimiliano. **O que é a grounded theory: metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados**. Tradução de Carmem Lussi. Petrópolis: Vozes, 2011. 189p.

TORRES, Maricel et al. **Análise da utilização da Grounded Theory (Teoria Fundamentada nos Dados) na produção científica brasileira entre 2008-2012**. RBPG, Brasília, v. 11, n. 24, pp. 485-510, 2014.

Editor(a) responsável: Denise Macedo Ziliotto

*Recebido em: 01/12/25
Aceito em: 06/08/26*

Alberto José Ferreira de Lima

Professor do Centro Universitário FAVENI (UNIFAVENI). Possui graduação em Ciência da Computação, Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente realiza Estágio Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB. Membro da Rede Interdisciplinar de Estudos sobre Violências, do grupo de pesquisa Cultura Digital, Violências e Educação e do grupo de Teoria Crítica da Universidade de Valência. Seus atuais interesses de pesquisa estão voltados para as abordagens interdisciplinares entre a cultura digital, violências e educação.

✉ albertojf@gmail.com

🔗 <http://lattes.cnpq.br/1684049406906014>

🆔 <https://orcid.org/0000-0003-2639-7723>

Edna Gusmão de Góes Brennand

Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Realizou Pós-Doutorado nas seguintes Instituições: Université Catholique de Louvain, Bélgica; Universidade de Valência, Espanha; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal. Possui Doutorado em Sociologia - Université Paris I Panthéon Sorbonne. Mestrado em Educação pela UFPB. Coordena a Rede Interdisciplinar de Estudos sobre Violências e o grupo de pesquisa Cultura Digital, Violências e Educação. Seus atuais interesses de pesquisa estão voltados para as abordagens interdisciplinares entre a cultura digital, violências e educação.

✉ ednabrennand@gmail.com

🔗 <http://lattes.cnpq.br/9163217527871872>

🆔 <https://orcid.org/0000-0001-7471-3343>